

O CAPITALISMO GLOBAL, A ECONOMIA DO COMPARTILHAMENTO E A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO*¹

Luciene Correia Santos de Oliveira
Adriana Cristina Omena dos Santos

Introdução

No capitalismo, o trabalho é concebido como parte essencial desde as suas origens, e hoje, em um contexto denominado de contemporaneidade transnacional e/ou global, tem sido caracterizado pela presença de grandes corporações e organismos financeiros que coordenam e dominam em escala planetária aquilo que se produz e se consome, bem como pelas políticas internacionais.

Em um processo de desenvolvimento do capitalismo, alcançado após suas crises cíclicas e transformações associadas à busca crescente de extração de mais-valia e de elevação da acumulação de capital, o capitalismo global cresce cada vez mais, com o intuito de elevar a extração dos lucros a partir da exploração da força de trabalho. Tendo início em países centrais, esse processo foi caracterizado por sua expansão para além das fronteiras das grandes potências capitalistas, alcançando países como o Brasil.

Avanços no desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC)² viabilizaram mudanças na cultura, na política, na economia e, especificamente, no trabalho, ao propiciarem novas formas de trabalho *online* e digital. A Era Informacional trouxe consigo possibilidades para o capitalismo se apropriar de uma forma mais eficiente do conhecimento, tornando estas potencialmente geradoras de valor. Há o empenho em se obter altas taxas de produtividade, reduzir os custos e o tempo da produção em uma lógica na qual todos os espaços de trabalho podem criar valor, inclusive o setor de serviços e o trabalho do infoproletariado (Antunes, 2018).

Desta maneira, a própria noção que se tem de trabalho sofreu alterações significativas, passando por uma adequação às novas necessidades do capital e às transformações tecnológicas. A precarização e a intensificação do trabalho compõem este cenário, no qual a instabilidade nos postos de trabalho, a relação pautada na informalidade, nos baixos salários e no elevado tempo laboral caracterizam a nova e a atual rotina dos trabalhadores.

* DOI - 10.29388/978-65-6070-061-1-0-f.137-147

¹ Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de Doutorado em Educação intitulada “Informalidade, educação e tecnologias digitais: Um estudo sobre o trabalho dos motoristas da empresa Uber na cidade de Uberlândia-MG”. Esta pesquisa foi realizada entre os anos de 2019 a 2023 na Universidade Federal de Uberlândia sob orientação da prof.^a Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos.

² A denominação Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) constitui em um termo bastante amplo, que inclui tecnologias como a televisão, o vídeo, a carta, o rádio, o telefone e o computador, os smartphones, a internet, dentre outros. Com o intuito de especificar e caracterizar as ferramentas que compõem o objeto desta investigação, as novas tecnologias (mediadas pela internet) foram denominadas de Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) (Costa; Duqueviz; Pedrosa, 2015; Baranauskas; Valente, 2013). É o caso dos aparelhos celulares, dos aplicativos e da internet, que são viabilizadores do trabalho dos motoristas de aplicativo.

Logo, trabalho e educação consistem em categorias imprescindíveis para a análise que se aprofundou e se desdobrou em outros questionamentos também essenciais para se compreender a totalidade da realidade na qual os trabalhadores uberizados se encontram inseridos, o que afeta os motoristas de aplicativo da empresa Uber.

Mudanças têm sido realizadas em toda a sociedade, guiadas pelos interesses econômicos, e têm sido capazes de dominar trabalhadores com um perfil cada vez mais heterogêneo no tocante aos fatores educacionais e profissionais. É neste cenário que se insere o fenômeno conhecido por uberização, objeto de estudo desta pesquisa que tem como objetivo abordar a uberização enquanto uma das novas formas assumidas pelo trabalho no contexto da globalização, apresentada enquanto uma manifestação da economia do compartilhamento. Para isto, foram realizadas análises e estudos a partir da pesquisa bibliográfica (Marconi; Lakatos, 2010) com o intuito de aprofundar as discussões sobre a temática.

O fenômeno da mundialização, as tecnologias digitais e a sociedade em rede

No contexto da globalização dos anos de 1990, a sociedade se viu transformada pelo desenvolvimento técnico e científico que, sob a influência dos interesses de mercado, motivou a instituição de inovações ligadas à microeletrônica, à automação, à comunicação, ao transporte e às engenharias etc. Na busca por se fortalecerem, grandes potências e corporações multinacionais investiram em pesquisas em favor de manter e disseminar seus poderes. Estas criações se constituíram em instrumentos de defesa e armamentos, mas também foram direcionadas para um uso privado e doméstico, passando a fazer parte do cotidiano da população em geral (Kenski, 2007).

Essas mudanças atingiram diversas esferas sociais, como é o caso do trabalho, da economia, da educação, da cultura, da política, do lazer e do consumo. Um mundo digital foi formado a partir da revolução tecnológica, que gerou sistemas de redes constituídos pela internet e pela comunicação sem fio. Nessa configuração social, também chamada de Era da Informação, as relações sociais passaram a ser intermediadas pela virtualidade, que criou uma cultura, adaptando ou substituindo as formas tradicionais de se interagir que prevaleciam anteriormente. Isso embasou uma estrutura, formando a sociedade em rede e a conseqüente disseminação das tecnologias digitais (Castells, 2011).

Esse sistema organizado em redes remete à base material para o crescimento subsequente da sociedade. Nesse processo, os Estados-nação foram os impulsionadores da globalização na busca por se beneficiar, economicamente, do livre fluxo entre as fronteiras. Entretanto, houve uma perda da capacidade de controle destes fluxos de riqueza e as redes ultrapassaram seus territórios. Um sistema global foi formado, caracterizando-se pela geografia da desigualdade social, econômica e tecnológica. Dessa forma,

[...] embora tudo e todos no planeta sentissem os efeitos daquela nova estrutura social, as redes globais incluíam algumas pessoas e territórios e excluía outros, induzindo, assim, uma geografia de desigualdade social, econômica e tecnológica. Em uma transformação paralela, movimentos sociais e estratégias geopolíticas se tornaram em grande parte globais a fim de agir sobre as fontes globais de poder, ao passo que as instituições do Estado-nação, herdadas da Era Moderna e da sociedade industrial, foram gradualmente perdendo sua capacidade de controlar e regular os fluxos globais de riqueza e informação (Castells, 2011, p. II).

A sociedade em rede e a virtualidade, como seu elemento central, fazem parte da realidade configurada pela globalização. Visões como a de Castells (2011) indicaram a possibilidade do fim do trabalho explorado mediante a existência do desenvolvimento tecnológico, como descrevem Antunes e Braga (2009):

Trata-se de um conhecido argumento pós-industrial, amplamente retomado por Castells e outros, e que consiste em proclamar a superação do trabalho degradado típico da fábrica taylorista e fordista pela “criatividade” e “autonomia” inerentes às atividades de serviços associadas às tarefas de concepção e planejamento de processos e produtos. Na verdade, a suposta hegemonia desse modo de desenvolvimento produtivo, que Castells chamou de “informacionalismo”, carrega consigo a promessa segundo a qual a inserção ocupacional emancipada *no e pelo* trabalho complexo é algo potencialmente acessível a todos. O emprego nas chamadas tecnologias de informação e comunicação foi concebido quase como sinônimo de não trabalho, *tal a disjuntiva e mesmo antinomia que operava em relação à modalidade vigente de trabalho assalariado* (Antunes; Braga, 2009, p. 08, grifos dos autores).

Diferentemente desta perspectiva, Antunes e Braga (2009) explicam que há uma nova morfologia do trabalho e outros meios de se criar valor que marcam o capitalismo contemporâneo. Estudos relacionados a estes trabalhadores, também chamados de infoproletários, têm demonstrado uma tendência à alienação do trabalho informacional. Dessa maneira, um olhar mais ampliado e crítico precisa evidenciar as suas peculiaridades e contradições, sendo estas características decisivas e presentes nos rumos tomados pela sociedade em anos posteriores³.

Tendo em vista a importância dessa possibilidade de se entender a realidade, contribuições como as de Dowbor (2020), Laval (2019), Antunes (2018), Harvey (2011), Alves (2007) e Santos (2003) foram essenciais para as reflexões realizadas nesta pesquisa. Partindo destes pressupostos teóricos, entende-se que a globalização formou um processo bastante amplo e complexo, motivado e impulsionado pela esfera econômica. Estabeleceu-se, então, uma relação direta com os esforços pela

³ A história tem mostrado os rumos tomados pela globalização, nos quais as tecnologias têm sido implementadas para atender às necessidades do capital e possibilitar o crescimento econômico de empresas multinacionais em detrimento do bem-estar coletivo e, sobretudo, da classe trabalhadora, que é impactada diretamente por estas transformações aplicadas nos processos produtivos.

manutenção e pelo fortalecimento do capitalismo. Os interesses dominantes direcionaram os fluxos do capital e a constituição da sociedade global, sendo cruciais para se entender as vivências constituídas posteriormente. Desta forma, este fenômeno não pode ser visto como limitado a um sistema de técnicas. Nas palavras de Santos (2003),

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. [...] No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária. Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa (Santos, 2003, p. 12).

Como exposto anteriormente, a globalização colocou em pauta novos conceitos, modificando a consolidada ideia de centralização de esforços para a produção de mercadorias nos espaços industriais e fabris. Para Alves (2007), este processo esteve associado à denominada 4ª Revolução Tecnológica, descrita pelas alterações realizadas pelas classes dominantes capitalistas. Como resultado de suas ações, ganhou destaque o desenvolvimento do ciberespaço enquanto uma rede interativa e controlativa associada aos interesses da produção e da reprodução social.

A mercadoria passou, neste sentido, por uma transformação na qual se constituiu em mercadoria-informação, e o conhecimento ganhou um papel importante na estrutura social configurada. O capitalismo passou a ser marcado por novas formas de se produzir e de se gerar riquezas, sendo que a instituição das tecnologias técnico-informacionais se espalhou pela sociedade e alcançou diversos ramos da economia.

O processo de mundialização produtiva tem propiciado a transnacionalização do capital e, também, da classe trabalhadora, em uma mistura de elementos locais, regionais, nacionais e internacionais. O desenvolvimento técnico e científico tem gerado riquezas a partir de sua relação com a mão de obra, extraindo desta ligação uma maior e mais eficiente produtividade, pois o capital depende do trabalho para manter seus ciclos e seu crescimento.

O capitalismo global tem crescido e se fortalecido em uma realidade em que o trabalho continua imprescindível e tem sido, com o intuito de adaptar os processos produtivos aos interesses da economia globalizada, submetido à exploração dinamizada pelas intervenções tecnológicas.

Novas faces do trabalho no mundo contemporâneo: a economia do compartilhamento e a uberização do trabalho

A busca pela mundialização tem incluído ações e processos que afetaram decisivamente o mundo do trabalho por meio das transformações e adaptações que atingiram a classe trabalhadora. De fato, a informatização da sociedade como um todo e, sobretudo em relação ao trabalho, tem gerado consequências importantes para os trabalhadores submetidos à precarização do trabalho, à flexibilização, à informalização, à terceirização, à subcontratação e à intermitência. Dentre as diversas formas assumidas pelo trabalho nestes novos moldes, o ciberproletariado surge como um sujeito que vivencia tais formas de trabalho no contexto da globalização (França, 2019; Araújo, França, Lucena; 2018; Previtalli, Fagiani; 2015; Antunes, 2011).

Como consequências para os trabalhadores, vemos: as interferências no ritmo de trabalho e na produtividade resultante das jornadas de trabalho, em um processo que tem gerado adoecimento, sofrimento físico e psíquico; doenças ocupacionais; e acidentes causados pelas condições de trabalho impostas. Acrescentam-se a esses elementos o incentivo a um crescente processo de individualização e de fragilização dos laços de solidariedade. Sob estes moldes, muitos destes profissionais foram colocados em uma condição de rotatividade, descartabilidade, competição e isolamento em trabalhos cada vez mais incertos, intermitentes, parciais e precários (Santos; França, 2019; Antunes, 2011; 2018; 2019).

Além disso, na sociedade do conhecimento, valores como competição, formação básica e competências ligadas à inserção social do indivíduo são apresentados como essenciais. Há, ainda, uma concepção de educação como ferramenta utilizada para atender, ideologicamente, aos interesses dos setores dominantes, ou seja, definida em consonância com a racionalidade neoliberal.

Neste escopo, teorias do capital humano ganham centralidade na educação, constituindo tendências ligadas a uma formação que atenderia aos interesses do capital, ou seja, à produção de mercadorias. De igual maneira, os indivíduos são incentivados a ter uma formação mínima e suficiente, composta por saberes específicos, para colaborar com a lógica do sistema, em uma perspectiva que tem ganhado adeptos entre gestores e administradores das empresas capitalistas (Laval, 2019; Cury, 2017). Dessa forma, a educação tem sido instrumento de controle e legitimação da dominação, pautada na busca pela formação profissional e prática que atenda às necessidades produtivas e ao manuseio das tecnologias empregadas.

Portanto, como ferramentas que podem contribuir para o poder econômico dominante, as tecnologias digitais foram concebidas como mecanismos de se propiciar a elevação da produtividade, do consumo e dos lucros na sociedade da informação e do conhecimento. Para isso, no contexto da globalização, foram desenvolvidos instrumentos e aplicações tecnológicas para propiciar a reprodução ampliada do capital, permitindo que a internet, a economia do compartilhamento e o uso dos aplicativos para celulares, como veículos viabilizadores da economia, passem a compor esta conjuntura.

A uberização se constitui numa destas formas apresentadas pelo trabalho digital na contemporaneidade, este se insere na sociedade global fundamentada em valores neoliberais, nos quais a livre iniciativa, o desemprego estrutural e a qualificação para o trabalho são importantes para o funcionamento do próprio sistema e surgem disfarçados sob eufemismo como economia compartilhada e/ou empreendedorismo. Essa configuração é proveniente de esforços oriundos dos interesses dominantes e da busca pela reprodução ampliada do capital.

O termo “economia do compartilhamento” tem sido citado como sinônimo de consumo colaborativo, de economia em rede, de plataformas igual-para-igual, de economia dos bicos, de economia da viração, de serviços de *concierge* e de economia sob demanda. Conceitualmente, refere-se às práticas ou aos negócios que utilizam a internet para proporcionar relações de troca no mundo físico. Também vista como um movimento social, reúne comércio e causas como alugueis de casas, oferta de caronas, realização de tarefas domésticas, empréstimos de objetos e de ferramentas, dentre outras.

Por outro lado, também tem sido empregado sob a justificativa de proporcionar crescimento econômico individual e, supostamente, ocasionar o status de microempresários. Estas concepções têm sido utilizadas na legitimação de um novo modelo flexível de trabalho que tem gerado o enriquecimento de uma minoria composta por investidores e executivos de multinacionais. Estes utilizam os argumentos da economia do compartilhamento para realizar a prática do subemprego e de negócios desregulamentados, com o discurso de incentivar o “consumo responsável” e práticas ligadas ao “empreendedorismo” (Antunes, 2020; Slee, 2017).

Constituindo-se em um dos discursos relacionados à economia do compartilhamento, a uberização constitui em uma prática que se diferencia pela exploração do trabalhador digital, informalizado e autônomo, que é vigiado e controlado pelos aplicativos de celulares durante a realização da prestação dos serviços. Desta maneira, a utilização deste termo vai além das trocas entre iguais e dos negócios locais, pois passou a abranger negócios em escala mundial e relações comerciais controladas por empresas multinacionais (Antunes, 2020; Slee, 2017).

Na uberização do trabalho, a exploração dos trabalhadores tem se mostrado eficiente e previamente planejada de modo a se tornar uma ferramenta de extração de lucratividade em escala planetária. Essas formas assumidas pelo trabalho se relacionam a diversas características que marcam a mundialização do capital e o controle ideológico do trabalhador.

Este é associado ao empreendedorismo que consiste em um termo utilizado em favor do incentivo à autonomia e às liberdades individuais no capitalismo global, no qual prevalecem as concepções neoliberais e as forças do mercado.

Por outro lado, conceitos como empreendedorismo são utilizados, ideologicamente, para encobrir os interesses econômicos que permeiam a contemporaneidade e o uso do trabalho precarizado e intensificado para a acumulação de capitais em detrimento do trabalhador, cada vez mais envolvido em trabalhos em tempo parcial e intermitentes. Desta maneira, o trabalho uberizado consiste em uma

destas manifestações supostamente “empreendedoras”, mas que representam formas de exploração do trabalho digital que não asseguram meios de se tornarem empresários e de usufruírem de alguma forma de ascensão social. Neste sentido, o conceito de empreendedorismo relaciona-se a

[...] uma forma oculta do assalariamento do trabalho, a qual introduz o véu ideológico para obliterar um mundo incapaz de oferecer vida digna para a humanidade. Isso ocorre porque, ao tentar sobreviver, o “empreendedor” se imagina como proprietário de si mesmo, um quase-burguês, mas frequentemente se converte em um proletário de si próprio, que autoexplora seu trabalho (Antunes, 2020, p. 15-16).

Estudos têm demonstrado essa configuração como parte da exploração capitalista contemporânea em escala global, na medida em que é difusa, dinâmica e ampla a sua atuação. Publicadas recentemente, podem ser destacadas as produções de Santana e Antunes (2021), Antunes (2020; 2019; 2018), Antunes e Filgueiras (2020), Abílio (2020a); Abílio *et al.* (2020), Dowbor (2020), Graham e Anwar (2020), Grohmann (2020), Previtali e Fagiani, (2020; 2015), França (2019), Zuboff (2019), Franco e Ferraz (2019), dentre outras.

Apresentando-se sob a forma da economia do compartilhamento, há a divulgação de um suposto protagonismo e liberdade do trabalhador, ali inserido como motorista de aplicativo, entregador de encomendas e/ou alimentos, dentre outros. Entretanto, para a sociedade, consiste em uma aparente e imediata solução para problemas relativos ao trabalho e ao transporte urbano e suas complexidades (Antunes, 2020).

Mesmo diante de outras empresas cujo trabalho tem se desenvolvido de modo semelhante àquele realizado pela empresa Uber⁴, esta demonstra ser um caso pioneiro que, inclusive, deu nome ao fenômeno que está se disseminando para outras atividades profissionais. Suas ações têm se consolidado internacionalmente, o que traz à tona elementos importantes para se analisar o trabalho uberizado e expõe a necessidade de se problematizar e entender as contradições inerentes a esse fenômeno (Antunes, 2020; Slee, 2017).

A empresa Uber expõe na mídia informações sobre a sua presença no mundo e no Brasil, suas áreas de atuação, procedimentos para a vinculação do trabalhador, seu aplicativo e curiosidades sobre a empresa⁵. Esse conteúdo se limita àquilo que seus dirigentes querem expor aos clientes e motoristas, não divulgando outros números e

⁴ Outras empresas multinacionais e nacionais têm sido criadas e atuam com propostas idênticas à empresa Uber. Estas têm se disseminado e não se limitam ao setor de transportes de pessoas. Exemplos disso são: 99 Pop, Cabify, Blablacar, inDriver, Garupa, Lady Driver, “Uber que se cuide!” (Souza, 2021). Optou-se, nesta pesquisa, por focar a análise no caso da empresa Uber no Brasil e no transporte de passageiros, devido a ser um caso pioneiro e exemplar do ponto de vista dos interesses do capital.

⁵ O *site* da empresa constitui em um destes veículos midiáticos nas quais há estas informações, dados e procedimentos para possíveis passageiros e para motoristas que se interessam em se vincular à empresa. Seu endereço é <https://www.uber.com/br/pt-br/>.

fatos que seriam bastante úteis às pesquisas e reflexões acadêmicas em Ciências Sociais e na área da Educação.

Ressalta-se que, ainda no começo do ano de 2022, após mais de uma década de existência da empresa, em seus *sites* e redes sociais oficiais, não são localizados bancos de dados e informações sobre a dinâmica do trabalho uberizado, como as contratações, as demissões, as políticas de metas e premiações, que são omitidas e não disponibilizadas para fins de pesquisa científica. Logo, os perfis dos seus trabalhadores, como quantidade, sexo, idade, raça, escolarização, tipos de veículos, renda, dentre outros, não são localizados na internet pelos meios de comunicação oficiais da empresa Uber, até o momento de escrita desta pesquisa finalizada no ano de 2023.

Diante destas dificuldades em se obter dados detalhados a partir da própria empresa, informações coletadas em trabalhos de campo têm se mostrado fundamentais para as discussões acadêmicas sobre o tema e são motivam a realização de outras investigações que aprofundem as reflexões.

Considerações finais

Várias pesquisas têm contribuído significativamente para o desenvolvimento de reflexões sobre a temática e a problematização de outras questões associadas ao trabalho uberizado, ao trabalho digital e informal, como podem ser citados os trabalhos de Abílio (2020a), Abílio *et al.* (2020), Antunes e Filgueiras (2020), Santana e Antunes (2020), Filgueiras e Cavalcante (2020), dentre outros.

Mediante este referencial teórico, evidencia-se que o trabalho digital informal, ainda que precarizado, tem sido concebido pelos trabalhadores como uma alternativa viável para a sua sobrevivência em um contexto no qual há dificuldades de inserção laboral. Sob a ótica do capital, as ferramentas tecnológicas, que mediam o trabalho vinculado à empresa Uber, mostram-se mecanismos eficientes de inserção de trabalhadores na lógica do trabalho digital informal e uberizado. Existe uma diversidade de perfis escolares e profissionais que caracterizam os motoristas de aplicativo, que são submetidos, indiscriminadamente, a tempos de trabalho ampliados e a condições de trabalho precárias, instáveis e inseguras e em atividades que propõem torná-los “empreendedores”, “empresários” e “trabalhadores independentes”.

Como foi discutido neste artigo, o mundo do trabalho está em constante expansão e dinamização, sendo caracterizado por valores neoliberais, nos quais prevalecem as ideias da economia do compartilhamento e do empreendedorismo. Esta realidade tem colaborado para a precarização do trabalho informal, somando-se àquela já existente em diversos setores produtivos formais, como a indústria, o comércio, bem como em outras formas de prestação de serviços (Antunes, 2020).

Um processo de intensificação e de precarização do trabalho digital é identificado como característica da rotina dos trabalhadores imersos na uberização. Trata-se de um fenômeno recente na sociedade e nas análises acadêmicas, inserido, ainda, em um contexto em constante mudança e que, a cada dia, é transformado por fatores novos que atingem as condições de trabalho e a qualidade de vida dos

trabalhadores. Diante da gama de aspectos e da complexidade de elementos que vêm à tona na análise dialética da sociedade capitalista contemporânea, estudos como este ganham importância.

Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Live Ciclo de debates Trabalho informalidade no capitalismo de plataformas**. 2021. Mediação Jéssica Juliana e Fabiana Alcântara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E0bRkC1MHKM&list=PLiS3OvRzrjX-t9r2vkq-S5zyfcJv4MwCS&index=5>. Acesso em: 19 maio 2021.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador *just-in-time*. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ABÍLIO, Ludmila Costhek *et al.* Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a Covid-19. **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v.3, ed. esp., p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/condicoes-de-trabalho-de-entregadores-via-plataforma-digital-durante-a-covid-19>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007. Disponível em: d.yimg.com/kq/groups/21224389/446627105/name/DRP.pdf. Acesso em: 20 dez. 2019.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2011a.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. (Org.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização**,

ARAUJO, Romildo de Castro; FRANÇA, Robson Luiz; LUCENA, Carlos. Trabalho e educação: formação humana e crise estrutural do capital. In: LUCENA, Carlos; LUCENA, Lurdes; BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Trabalho e educação: Teoria e resistência**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

BARANAUSKAS, M. C. C.; VALENTE, J. A. NIED 30 anos. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2013. DOI: 10.20396/tsc.v1i1.14436. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tsc/article/view/14436>. Acesso em: 8 fev. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6. ed. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011. v. 1.

COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 603-610, set./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300603&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 fev. 2022.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A globalização e os desafios para os sistemas nacionais: agenda internacional e práticas educacionais nacionais. **RBPAAE**, v. 33, n. 1, p. 015 -034, jan./abr. 2017.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: Novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

FILGUEIRAS, Vitor; CAVALCANTE, Sávio. Um novo adeus à classe trabalhadora?. *In*: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRANÇA, Robson Luiz de. As mudanças científico-tecnológicas e a flexibilização nas relações de trabalho e o processo de reestruturação produtiva. *In*: FRANÇA, Robson Luiz de;

BARBOSA, Magno Luiz; LUCENA, Carlos. **Trabalho, educação e flexibilização das relações de trabalho**: Impactos sobre a saúde do trabalhador. Uberlândia Navegando, 2019.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. esp., p. 844-856, nov. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512019000700844&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2020.

GRAHM, Mark; ANWAR, Mohammad Amir. Trabalho digital. *In*: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: características e alternativas. *In*: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**. São Paulo: Boitempo, 2019.

PREVITALI, Fabiane Santana; FAGIANI, Cílon César. Trabalho digital e educação no Brasil. *In*: ANTUNES, Ricardo. (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

PREVITALI, Fabiane Santana; FAGIANI, Cílon César. Trabalho e educação na nova ordem capitalista: inovação técnica, qualificação e precarização. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 65, p. 58-72, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8642696>. Acesso

em: 18 jun. 2021.

SANTANA, Marcos; ANTUNES, Ricardo. **A pandemia da uberização e a revolta dos precários**. 1º maio 2021. Disponível em: <https://www.dmtmdebate.com.br/a-pandemia-dhttps://www.dmtmdebate.com.br/a-pandemia-da-uberizacao-e-a-revolta-dos-precarios/a-uberizacao-e-a-revolta-dos-precarios/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

SANTOS, Irella Borges dos; FRANÇA, Robson Luiz de. A sublimação e o trabalho: sofrimento e adoecimento do trabalhador no contexto de reestruturação produtiva no mundo do trabalho. *In*: FRANÇA, Robson Luiz de; BARBOSA, Magno Luiz; LUCENA, Carlos. **Trabalho, educação e flexibilização das relações de trabalho**: Impactos sobre a saúde do trabalhador. Uberlândia: Navegando, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. Tradução de João Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.